REVISTA DA ANPEGE. V. 18. Nº. 36 — ANO 2022 E-ISSN: 1679-768X 25
DOI 10.5418/ra2022.v18i36.16429

EDITORIAL

A GEOGRAFIA QUE PROPÕE AO BRASIL, A GEOGRAFIA QUE DEFENDE A DEMOCRACIA

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves
Universidade Estadual de Goiás (UEG)
Editor da Revista da ANPEGE

A Geografia que propõe ao Brasil, a Geografia que defende a democracia

Ao Horieste Gomes, geógrafo que fundamentou todo o seu trabalho de professor e pesquisador na defesa dos oprimidos e na luta por um mundo pleno de justiça. Com coragem resistiu à ditadura e manteve inabalável sua consistência política revolucionária.

No dia seguinte às votações que lançaram Lula (PT) e Bolsonaro (PL) ao segundo turno da eleição presidencial brasileira de 2022, caminhei nas ruas do centro de Goiânia (GO) e, como de costume, parei em um sebo tradicional da cidade. Palmilhar livros novos e antigos, especialmente em meio às estantes de literatura, economia política e geografia, me acalmava após presenciar, na noite anterior, a eleição daquilo que certamente pode ser considerado um dos piores Congressos desde a redemocratização do país.

Enquanto observava livros de geógrafos como Josué de Castro, Milton Santos e Horieste Gomes; ou de escritores como José Lins do Rego, João Cabral de Melo Neto, Jorge Amado, Rachel de Queiroz e Ariano Suassuna, deparei-me com obras de Frei Betto, autor de *Batismo de sangue*, *Cartas da prisão*, *Fidel e a religião*, *A mosca azul*, *Ofício de escrever* e tantos outros que sintetizaram temas como religião, estado, democracia, ditadura, prisão, ideologia, direitos humanos e movimentos populares. Ao folhear *Fidel e a religião*, (primeira edição de 1985), encontrei entre as páginas recortes de jornais amarelos com uma crônica do autor intitulada *Poder*.

Na crônica *Poder*, Frei Betto sistematizou que "quem se apega ao poder não suporta crítica, que mina sua auto-imagem e exibe suas contradições aos olhos do outrem [...] Tudo se agrava, porém, quando o poder institucional vincula-se ao poder marginal, e deputados, governadores e ministros locupletam-se com bicheiros, traficantes e torturadores, fiéis ao adágio de que é 'dando que se recebe'. Então, as duas últimas letras trocam de lugar, o poder fica podre". (s/d). As palavras de Frei Betto parecem que foram escritas na conjuntura atual, momento no qual explicitamente "o poder fica podre".

Frei Betto foi preso por duas vezes no período ditatorial. Conhecedor dos bastidores e do lodaçal do poder, publicou livros escritos na ditadura militar e neles abordou temas que refletiram a posição de um intelectual atento aos dramas e desafios do país. É um escritor ciente da importância de ser enfático na defesa da democracia mesmo nos momentos em que impera a mordaça contra o pensamento livre e engajado de artistas, ativistas, jornalistas e professores. Betto participou ativamente da luta pela democracia mesmo nos momentos mais ferozes do regime ditatorial.

Veio o início da redemocratização em meados dos anos 1980, precisamente no ano em que nasci, em 1985. Minha idade, 37 anos, coincide exatamente com o período mais longo de vigência da

democracia na história do Brasil. Sou contemporâneo de uma geração que nasceu e cresceu em um contexto no qual o país, ao restabelecer o Estado de direito, avançou em conquistas sociais fundamentais, especialmente nos anos 2000, com expansão de universidades, combate à miséria eà fome, construção de moradias, garantia de dignidade para milhões de brasileiros, mulheres e homens que por séculos foram considerados farrapos humanos.

Minha geração testemunhou o enfrentamento a um Brasil que, conforme disse Darcy Ribeiro, "sempre foi, ainda é, um moinho de gastar gentes" (2010, p.25). Diante disso, não imaginávamos presenciar retrocessos democráticos no país.

A democracia fraturada e ferida

A sombra ameaçadora que volita sobre a democracia, embutida em constantes ataques ao Estado de direito, ao Supremo Tribunal Federal, às urnas eletrônicas, às pesquisas eleitorais, à lisura e legitimidade dos resultados das eleições, às universidades públicas, ao orçamento do Ministério da Educação (MEC), às diversidades étnicas e aos movimentos populares e LGBTQIA+, arvora com força nefasta e revestida de formas neofascistas de poder e intimidação. Essa situação soma-se ao desastre da gestão da pandemia da Covid-19, com disseminação de *fake news* e negacionismos, o que contribuiu para transformar as páginas dos jornais em obituários cotidianos de centenas de milhares de mortos.

Com efeito, diante dos grunhidos disseminados na sociedade brasileira e que intimidam a democracia, as palavras do escritor Frei Betto ainda traduzem a realidade de um país que volta a presenciar a linha tênue entre a democracia e a ditadura. Presenciamos as ações de um governo que corteja os podres poderes e flerta com práticas autoritárias, mas manipula para parecer "andar dentro das quatro linhas da Constituição" (MAFEI, 2021). Afinal, como afirmam os autores do livro *Como as democracias morrem*, "o paradoxo trágico da via eleitoral para o autoritarismo é que os assassinos da democracia usam as próprias instituições da democracia – gradual, sutil e mesmo legalmente – para matá-la" (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p.19).

A democracia no Brasil está sendo fraturada e ferida. O Brasil tornou-se um dos países com mais assassinatos de ativistas ambientais e que lutam em defesa dos territórios de vida, como demonstrado no relatório *Decade of defiance* (Década da resistência), da Global Witness (2022). Com efeito, a ameaça à democracia representa a ameaça aos lutadores em defesa dos direitos aos bens comuns da natureza, aos rios, às florestas, à terra, aos alimentos saudáveis e à sustentabilidade.

De acordo com De Olho nos Ruralistas (2022), o Brasil transformou-se em "um país sob censura", diante do uso frequente da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) para impugnar o acesso a dados e informações de interesse público e impor sigilo de 100 anos a dados e informações requisitados

via Lei de Acesso à Informação (LAI). Destaca-se ainda a perseguição sucessiva a servidores públicos e o constante constrangimento de jornalistas (DE OLHO NOS RURALISTAS, 2022). Por conseguinte, a ameaça à democracia significa a ameaça ao livre exercício da imprensa.

Os ataques que fraturam e promovem o cercamento da democracia no Brasil são acompanhados, por outro lado, da defesa dos extrativismos predatórios da natureza e das "bases materiais do viver" (ARROYO, 2014) de populações camponesas, indígenas, quilombolas, ribeirinhos e demais povos da terra, das florestas e das águas. O país presencia um momento de "menos democracia, mais extrativismos predatórios", fundado no modelo de desenvolvimento "neoextrativista ultraliberal marginal" do atual governo (WANDERLEY; GONÇALVES; MILANEZ, 2020).

Para Wanderley, Gonçalves e Milanez (2020), o "neoextrativismo ultraliberal marginal" revela-se através da manutenção das políticas de expansão territorial e em intensidade dos megaprojetos extrativos exportadores de *commodities*. Todavia, "agora associado a políticas econômicas ultraliberais, privatistas e de desregulação, acrescentado por ações marginais do próprio Estado" (p.556). Ademais, propagam-se as práticas "coniventes com crimes; promotoras de inconstitucionalidades, práticas antidemocráticas e difusão de *fake news*; além de ameaças recorrentes a opositores, às instituições da república e aos direitos das minorias" (p.556).

A expansão das fronteiras dos extrativismos predatórios no Brasil é explícita através do incentivo ao garimpo ilegal, à invasão de terras por grileiros em territórios da Amazônia e do Cerrado, ao desmatamento e às queimadas criminosas nesses e em outros biomas como o Pantanal. Os alertas de desmatamento sistematizados pelo Instituto de Pesquisa Espaciais (INPE) para o mês de setembro de 2022 identificaram uma área de 1.455 Km² na Amazônia, um aumento de 48% em relação ao ano anterior. Esse foi o pior mês de setembro desde 2015, conforme as análises do Sistema de Detecção de Desmatamento em Tempo Real (DETER), do INPE (WATANABE, 2022). A ameaça à democracia representa a ameaça à floresta Amazônica e a todos os biomas brasileiros.

Frente a isso, emerge a importância da ciência que produzimos ser propositiva e definitivamente posicionada ao lado da defesa da democracia.

A Geografia que propõe ao Brasil defende a democracia

Acreditamos que a Geografia - por intermédio de seus pesquisadores, professores e estudantes, da Graduação e da Pós-Graduação, associados a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE) ou a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) - continuará assumindo a tarefa de construção de um pensamento radical, propositivo e crítico frente ao projeto de destruição da democracia, das florestas, dos rios, dos territórios de povos tradicionais, das ciências, da saúde e das

universidades públicas.

É momento da Geografia brasileira propor um projeto que reconheça e respeite a sociobiodiversidade, o direito e a soberania dos povos tradicionais; que enfrente a estrutura fundiária desigual e implemente a reforma agrária; que retome o combate à pobreza, à fome e ao analfabetismo (inclusive ao analfabetismo político); que defenda um país no qual trabalhadoras e trabalhadores possam exercer o trabalho decente e tenham direito à moradia digna; que fortaleça a ciência, as universidades e o Sistema Único de Saúde (SUS); que seja capaz de construir políticas públicas para reduzir a desigualdade no acesso ao saneamento básico.

Está aberta e acesa a possibilidade de construção de um projeto nacional contra o entreguismo do estado brasileiro, a dependência das remessas de *commodities*, os crimes de ódio e a violência que fere e mata ativistas de movimentos populares e ambientais. Frente à insistência das desigualdades sociais e regionais, ao aumento da fome, ao racismo estrutural, à LGBTfobia, à xenofobia contra nordestinos, ao neofascismo, aos problemas ambientais graves e ao sequestro das águas e dos minérios, pensar um projeto nacional é tarefa da Geografia que propõe ao Brasil. Esse projeto passa, necessariamente, pela leitura do território. Não pode haver projeto nacional que não passe pela leitura territorial.

Sendo assim, acreditamos que é responsabilidade dos geógrafos e geógrafas construírem uma leitura geográfica propositiva do Brasil, inclusive fazendo ponte com o pensamento social brasileiro. Almejamos que na multiplicidade de departamentos e programas de pós-graduação em distintas regiões do país, a Geografia seja capaz de apresentar diferentes perspectivas de interpretação e proposição ao Brasil. Esse é, inclusive, a finalidade deste número da Revista da ANPEGE, que inclui a Seção Temática *A geografia que propõe ao Brasil: conjuntura e políticas públicas*.

Neste sentido, sabedor da importância histórica de um editorial, aproveitamos este espaço da Revista da ANPEGE para defender não só uma Geografia que propõe ao Brasil, mas também uma Geografia que se posiciona em defesa da democracia. Somos contemporâneos de ataques ferozes às instituições democráticas por um governo que planeja manter-se no poder para efetivar o projeto de morte da democracia.

A Geografia, como demonstrado por Verdi (2018), possui a tradição de pensar radicalmente mesmo sob repressão. Nos anos 1970, por exemplo, o conhecimento geográfico crítico foi produzido sob forte repressão e ameaça da ditatura militar. No entanto, nesta mesma década ocorreu um dos mais importantes encontros da AGB e da geografia crítica brasileira, o Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em Fortaleza (CE) no ano de 1978.

Horieste Gomes, importante referência do movimento de renovação crítica da geografia brasileira, autor de livros como *Reflexões sobre teoria e crítica em geografia* e *A produção do espaço geográfico no capitalismo*, é um exemplo vivo dos geógrafos que resistiram à ditadura e lutaram em prol da democracia. Foi preso no início dos anos 1970 durante o governo do general Garrastazu Médici, submetido a interrogatórios, torturas e ao exílio forçado na Suécia.

Em *Cela 14: militância, prisão e liberdade,* Horieste Gomes examina suas experiências de formação e militância político-partidária, reflete sobre a prisão e o exílio e revela-se um lutador incansável em defesa dos direitos humanos. Suas palavras são inspiradoras:

> Na essência do meu ser, fortaleceu uma melhor compreensão das múltiplas formas de luta – política-ideológica, jurídico-institucional, econômico-social, educacional-cultural, técnico-científica, humanista existencial, ética, estética, ambiental – que necessitamos empreender para construir a Nação que almejamos. Trata-se de um Estado nacional à altura de resgatar e preservar a nossa verdadeira brasilidade em termos de Nação livre, soberana e autodeterminada. Um Estado identificado com as raízes étnicas e culturais do nosso povo. Um Estado que possua em sua infra e superestrutura político-institucional uma composição de autênticos políticos nacionais, cidadãos honrados, competentes, identificados e compromissados com os ideais e aspirações maiores de nosso povo, traduzidos em valores existenciais, materiais e espirituais, que correspondam o direito de ser e existir (GOMES, 2009, p.27).

A reflexão de Horieste Gomes nos aponta uma esperança necessária, concreta e definitivamente assegurada na coragem e na luta mesmo em tempos sombrios. Sendo assim, na condição de editor da Revista da ANPEGE, professor de uma Universidade pública situada no interior do país - a Universidade Estadual de Goiás (UEG) -, acredito que é dever ético e político ter uma posição radical neste contexto. Isso significa defender a liberdade de pensamento, o diálogo de saberes, a circulação de ideias, a bibliodiversidade e o direito de todos e todas de se expressarem não só na esfera da academia, mas do largo tecido social. Do mesmo modo, a exporem a sua visão e a sua experiência sobre o mundo do trabalho, sobre a estrutura territorial, sobre a cultura e qualquer tema e assunto que requisitem uma interpretação lúcida para que não redundem em constatações opressoras muito próprias dos regimes autoritários.

Esperamos que neste momento nefasto da história do Brasil, no qual o segundo turno da eleição presidencial nos impõe uma decisão entre a barbárie ou a civilização, sobressaia a coragem política de todas as forças que lutam a favor da vida, dos direitos humanos e em defesa das mulheres e homens que estão nos arrabaldes da justiça.

Na manhã do dia 31 de outubro de 2022

Finalmente, desejo voltar a caminhar nas ruas do centro de Goiânia na manhã do dia 31 de outubro de 2022, à procura de novos livros de autores como Frei Betto e Horieste Gomes; ou exaltando o que o poeta Thiago de Mello sonhou no poema *Quando a verdade for flama*: “As colunas da injustiça

/ sei que só vão desabar / quando o meu povo, sabendo / que existe, souber achar / dentro da vida o caminho / que leva à libertação. / Vai tardar, mas saberá / que esse caminho começa / na dor que acende uma estrela / no centro da servidão. / De quem já sabe, o dever / (luz repartida) é dizer. / Quando a verdade for flama / nos olhos da multidão, / o que em nós hoje é palavra / no povo vai ser ação".

Referências

ARROYO, Miguel. **Outros sujeitos, outras pedagogias.** 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

BETTO, Frei. Fidel e a religião: conversas com Frei Betto. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

DEOLHONOSRURALISTAS. **Um país sob censura**. 2022. Disponível em: <https://deolhonosruralistas.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Um-Pais-sob-Censura-2022-ptbr-1.pdf>. Acesso em: 20/09/2022.

GLOBAL WITNESS. **Decade of defiance: Ten years of reporting land and environmental activism worldwide**. 2022. Disponível em: <https://www.globalwitness.org/en/campaigns/environmental- activists/decade-defiance/>. Acesso: 02/10/2022.

GOMES, Horieste. **Cela 14: militância, prisão e liberdade**. Goiânia: Edição do autor, 2009.

LEVITSKY, Steven.; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem.** 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MAFEI, Rafael. **Da ponta da praia às quatro linhas da Constituição.** 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/da-ponta-da-praia-as-quatro-linhas-da-constituicao/>. Acesso em: 20/09/2022.

MELLO, Thiago. **Quando a verdade for flama.** Disponível em: < https://xapuri.info/quando-a-verdade-for-flama/>. Acesso em: 20/09/2022.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Política:** quem manda, por que manda, como manda. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

RIBEIRO, Darcy. **O Brasil como problema.** Brasília: Editora da Unb, 2010.

VERDI, Elisa. F. Pensar radicalmente sob a repressão: a geografia crítica brasileira no contexto da ditadura civil-militar. **Geousp – Espaço e Tempo** (*Online*), v. 22, n. 3, p. 539-558, dez., 2018.

WANDERLEY, Luiz Jardim.; GONÇALVES, Ricardo J. A. F.; MILANEZ, Bruno. O interesse é no minério: o neoextrativismo ultraliberal marginal e a ameaça de expansão da fronteira mineral pelo governo Bolsonaro. **Revista da ANPEGE**, v. 16. nº. 29, p. 555 - 599, 2020.

WATANABE, Phillippe. **Amazônia tem recorde de desmate em setembro**. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2022/10/amazonia-tem-recorde-de-desmate-em-setembro.shtml>. Acesso em: 08/10/2022.